

JHÔNATAS SIQUEIRA

REI DO TÁRTARO



I

A Foice de Cronos



Jhônatas Siqueira
**REI DO
TÁRTARO**

“Conte-nos sobre a Saga de Jonas, Maicon.”

De qual Jonas vocês se referem?

“Aquele Jonas de braços velhos.”

Certamente, vocês querem saber sobre o grande herói, Jonas de braços velhos. Pois saibam que, num dia de outono, meu amigo Jonas passeava pela Serra do Açor quando encontrou uma mulher vestida de branco à beira da estrada. Ela andava descalça, sem rumo, com aspecto de desespero e chorava copiosamente.

Seu lamento era tão alto que Jonas já tinha ouvido sua voz a quilômetros. A princípio, Jonas acreditou que se tratava de uma Mãe-da-Lua, mas se lembrou o quão longe estava de sua terra, e que muito improvável era encontrar um espécime ali. Talvez outra ave com canto mais belo e mais triste, pensava ele. Seu coração ia se apertando à medida que o canto melancólico ia ficando mais alto. E, quando a viu, ficou comovido com o choro daquela mulher.

— Moça... senhora... a senhora está bem? — Disse com voz já embargada, parte por tristeza, parte por timidez típica do turista no estrangeiro.

A mulher nada respondia, apenas chorava.

— Moça! A senhora está bem? — Disse agora mais alto, olhando com ternura aquela inocente criatura que parecia flutuar diante dele.

Finalmente, ela se voltou para ele, e ele a viu: a mulher mais linda de todas que jamais conheci, disse para mim. A mulher se aproximou da janela do carro, debruçando-se sobre a porta e olhando ainda triste para o meu amigo.

Alguns minutos ele permaneceu em silêncio, sem ar. E, enquanto ele a admirava, ela continuava a lacrimejar gotas pesadas que iluminavam seu rosto apesar da tristeza e do sofrimento.

— Qual é o seu nome? — Disse finalmente, vencendo o silêncio.

— Me chamo Alegria, de Hélicon.

Aquela resposta confusa não o atormentou mais do que a beleza daquele rosto. Então, tornou a perguntar.

— E por que você está chorando? Está perdida?

— Não, meu querido Jonas. Choro porque não encontro minhas irmãs...

A entonação de seu canto deixou-o profundamente impressionado. Sem palavras, desceu do carro, e antes de qualquer coisa, ela o abraçou, permitindo que ele a conduzisse até o outro lado. Daí, com ambos dentro do carro, meu amigo tentou retomar a conversa. Mas seu coração já não permitia que sua boca produzisse, sedento apenas pelas palavras da estranha, que lhe disse:

— Sou Alegria, filha de Zeus e Memória, uma das nove que nasceram antes destes dias. Não encontro minhas irmãs, e já procurei por muito tempo em todos os lugares...

— E por que está aqui em Portugal?

— A Sorte me disse que estariam aqui...

— Posso ajudar a procurá-las, se quiser.

— Verdade? Mesmo? — Perguntou, olhando esperançosamente para Jonas. Sinto que vi o mesmo olhar nele quando estava me contando isto.

— Sim, com certeza.

Jonas me contou que uma luz radiante encheu seus olhos ao ver Alegria recuperando sua felicidade. Agora enxugando as lágrimas, a Alegria desembarcou do carro e chamou Jonas para acompanhá-la em uma trilha mata adentro. E, sem hesitar, Jonas a seguiu.

Foi neste instante que ela pegou a mão de Jonas, conduzindo-o pela mata. Ele me disse que sua mão era quente e sua pele suave, deixando-o hipnotizado novamente; horas de caminhada pareceram minutos, e o terreno íngreme e torturante pareceu-lhe macio e plano.

Mas um grito agudo de socorro o fez despertar. A pessoa que o emitiu parecia estar próxima, e de alguma forma também parecia ser conhecida de Alegria.

— Bela-Voz! — Exclamou ela.

Soltando a mão de Jonas, a estranha mulher correu, desaparecendo entre as árvores. Já era tarde e escurecia rápido. Um choque percorreu o corpo de Jonas quando percebeu que estava no meio daquela floresta sozinho, sem saber voltar para a estrada e sem saber aonde foi sua amada Alegria.

Permaneceu algum tempo parado, até que percebeu que alguém o observava de cima de uma árvore próxima; era uma figura de homem que ele viu de relance e que agora não tinha coragem de fitar diretamente. Por sua visão periférica, porém, ele me disse que percebeu que a figura abriu um grande sorriso, como se tivesse notado que agora ele sabia de sua presença.

— Boa noite, Jonas. — Disse o estranho com voz grave.

— Boa noite. Quem é você?

— Me chamo Amor. Sou um dos filhos da Noite.

Ouvi a voz da Alegria e vim até aqui para encontrá-la. Soube que ela estava com você...

— Eu a perdi...

— Ah, é uma pena, Jonas. Veja, eu ainda ouço a sua voz e parece não estar longe daqui. Posso te conduzir... se quiser...

Jonas hesitou. Não sabia o que dizer, nem sabia o que sentir quanto ao homem que sorridente lhe propunha ajuda, empoleirado em cima de uma árvore. Mas ele queria tanto se reencontrar com sua Alegria que aceitou a oferta.

Com destreza ímpar e leveza de uma pluma, Amor desceu da árvore e se uniu a Jonas lado a lado, ombro a ombro, estando o Amor à esquerda de Jonas a viagem toda. Juntos, seguiram andando mata adentro.

Meu amigo me disse que a presença do Amor era estranha. Não parecia ser inspiradora ou tão impactante quanto antes ele sentia com a Alegria.

Como era linda, com voz suave, olhar meigo e sorriso acolhedor. Como eram lindos os seus... Como eram lindos os seus... Como eram os seus cabelos? Por mais que se esforçasse, à medida que o tempo passava, ele ia se esquecendo aos poucos da

fisionomia e do rosto da Alegria. Começou a ficar irritado, até que o Amor interrompeu seus pensamentos.

— Você está ouvindo?

— Ouvindo o quê? — Respondeu fechando os olhos e se concentrando nos sons da noite e da floresta.

— Um grito de mulher?

— Não ouço nada! Só ouço o som de cascatas.

— Então estamos perto.

Aquele lugar era de certa forma conhecido para ele. Estavam em Fraga da Pena. Mas ao invés de alcançarem a queda d'água pelo caminho abaixo, de alguma forma subiram ao topo íngreme das rochas que formavam as paredes daquele pequeno penhasco.

— Você tem que confiar em mim agora, Lucas.

— Como confiar? Confiar para fazer o quê?

— Feche os olhos e ouça!

Foi o que ele fez. E finalmente ouviu um lamento de mulher. Lamento muito sutil, que se confundia com o som das águas, e que era muito diferente da voz da Alegria. Ouviu também outra voz, voz de mulher velha chamando um nome estranho.

— É a Alegria! Ela precisa da sua ajuda!

— Como tem tanta certeza? Como sabe disso? O que está pedindo para mim?

— Você não entende, Lucas. Há muitos anos Zeus, pai dos deuses e dos homens, foi destronado, fazendo com que o mundo caísse em caos novamente. Só as musas, suas filhas, ainda sustentam um pouco da antiga ordem que impede a ruína completa dos homens. E agora, alguém deseja destruir isso para alcançar o trono desocupado... A Alegria escolheu você! Vá e salve-a.

— E por que você não vai?

— Não tenho poder para entrar nos domínios que você entrará. Vá de uma vez! Se você abrir passagem, poderei te acompanhar.

— Ir aonde?

— Lá! — Disse o Amor, apontando para baixo.

Ele olhou para baixo e via o pequeno lago espelhado refletindo as estrelas e as imagens dele e do Amor. Este, porém, estava com seu reflexo turvo.

— Como vou até lá? Teríamos que pegar outro caminho para descer!

— Não há como ir ao Hades sem abandonar seu corpo...

— Ir aonde?

— Ao Hades, Lucas, ao Hades.

Empurrando meu amigo de uma vez, o Amor jogou-o do precipício para o lago. Ele me disse que ao fundar nas águas escuras, sentiu-se abraçado novamente.

Então lembrou-se da Alegria. Como era linda, como era linda sua... sua... como era mesmo sua voz? Desesperou-se ao perceber que não lembrava nem da fisionomia nem da voz da sua amada Alegria. E então lembrou que estava ainda submerso, se afogando.

De repente, foi despertado pelo Amor. Estavam às margens do lago.

— O que aconteceu?

— Você morreu, Lucas.

— Como morri? O que faz aqui?

— Estamos no Hades, Lucas. E você me trouxe para cá.

— Como te trouxe para cá? O que quer dizer com isso?

Ele agarrou num pulo o Amor com todas as forças, pronto para arrancar-lhe o pescoço. Mas algo o distraiu; aquele mesmo grito aflito que clamava da floresta.

— Acalme-se, Lucas. Quando tudo se resolver, eu te levarei de volta ao seu corpo.

Meu amigo não lembra direito se essas foram as palavras do Amor. Disse que estava distraído com a floresta diante dele: mata estranha de cor desbotada que se erguia imponente e sombria diante de seus olhos. A voz parecia estar mais forte, impelindo-o a entrar. Outra voz, de mulher velha, ainda chamava por nome estranho.

Guiado pelo Amor à sua esquerda, meu amigo seguiu mata adentro até uma grande clareira. Das brechas entre as árvores ele podia ver uma luz de fogo que iluminava aquela paisagem sombria.

Finalmente, alcançaram a borda, e para sua surpresa, viu uma mulher gigante e velha deitada sobre a relva. Seu corpo se perdia de vista e seus cabelos eram brancos e volumosos. Percebeu também a origem daquele fogo: uma pequena chama de tocha que iluminava uma outra mulher também velha, com uma foice na mão. Esta cravava a lâmina na cabeça da gigante.

Era a gigante que gemia de dor, parecendo estar inconsciente. Sua voz é muito fraca para alguém deste tamanho. Deve estar nas últimas forças de vida, pensava.

— Quem é esta mulher que grita? E quem é aquela mulher que a fere? — Perguntou.

— Esta é a Memória, mãe da Alegria e das Musas. Aquela é Éris, hedionda, uma das minhas irmãs... E aquilo em sua mão parece ser a Foice de Cronos.

Meu amigo correu até Éris. Quanto mais se aproximava das duas, mais ouvia o lamento da Memória, e com isso tentava lembrar de algo da Alegria. Mas agora, nem mesmo o toque de sua pele ele sentia. Finalmente alcançou a hedionda e a empurrou para o chão, tomando para si a Foice de Cronos.

— Quem é você, mortal? Saia, maldito. O que faz aqui? E você, maldito Engano? O que fazem aqui? Por que não me deixa terminar nosso trabalho? — Perguntava Éris.

— Afaste-se de Lucas! Afaste-se de mim!

— Como afastar-se de você? E meus filhos? Você fez uma promessa!

— Já mandei se afastar!

Éris fugiu dali quando percebeu que meu amigo estava conseguindo descavar a lâmina da cabeça da gigante. Seus braços foram se envelhecendo enquanto as mantinha no cabo da arma. Mas decidido e determinado em recuperar sua... sua... Alguém de

quem nem ele mesmo se lembrava mais, puxou com todas as forças, livrando a Memória de seu sofrimento.

Então lembrou-se do nome da Alegria. Lembrou-se do seu toque, da sua voz e do seu rosto. Lembrou-se que não se chamava Lucas, e sim Jonas. E, de repente, ao seu lado, a Alegria surgiu. E aquela velha senhora gigante diminuiu de tamanho e rejuvenesceu, mas permaneceu inconsciente.

Largando a foice, percebeu como seus braços estavam velhos, e já não tinham vigor algum. Mas tudo isso foi recompensado quando a Alegria me abraçou, disse ele.

— Engano, onde estão minhas outras irmãs?

— Os danos que Éris provocou à sua mãe são profundos e talvez irreversíveis. Talvez você tenha esperança indo até o Tártaro. Mas não sei se conseguirá libertá-las de lá.

A Alegria novamente se entristeceu e começou a chorar. Mas agora Jonas a tinha nos braços e prometeu que com ela desceria até o Tártaro se fosse preciso para libertar as Musas e os deuses esquecidos.

II

Aposta dantesca



Jhônatas Siqueira
**REI DO
TÁRTARO**

“E o que aconteceu ao Jonas?”

Jonas, meu grande amigo, o mortal de braços velhos que foi ao Hades para recuperar sua doce Alegria. Ele me contou que foi levado pelo Engano até o palácio do deus titular daqueles domínios.

O Engano guiou-os salvando os pés de Jonas de precipícios e raízes, até as árvores terminarem sem aviso, dando lugar a uma praia estendida até o horizonte iluminado. Alegria, muito triste para andar, era carregada em seus braços velhos.

Podia sentir o cheiro podre da areia escura e infinita, enquanto meu amigo me contava sua jornada. Em algum momento seus pés atravessaram todo o deserto, alcançando o palácio de portas tenebrosas. O caminho para ele era cercado de álamos e de ciprestes, numa espécie de Oásis com lagos à esquerda e à direita.

Ao adentrar aquela morada silenciosa, notou dois tronos de pedra. Em um deles, havia um homem muito velho adormecido. No outro, meu amigo distinguiu uma estranha textura no encosto. Suas pernas vacilantes seguiram naquela direção após soltar a Alegria. Parou antes de alcançar o assento pois percebeu que agora também essas pernas estavam marcadas pelo tempo. Jogou a foice pesada no chão, caindo prostrado. De trás dele, surgiu uma voz inquisidora.

— Quem é o velho que você traz consigo, Engano?

— Então o senhor está aí? — Respondeu o Engano, voltando-se para trás.

Jonas conseguiu apenas espiar por baixo, mas não via nada. Reuniu fôlego para olhar por cima dos ombros, e viu uma cabeça surgir flutuante sobre o nada.

— Este é o meu campeão!

A cabeça tomou corpo ao deixar cair a capa que o ocultava. Examinou o velho mortal que sucumbia. Viu a foice alguns passos a diante. Depois, com muito mais interesse, viu a Alegria, agora calada e depressiva, atirada num canto. Ajudou a

musa a se levantar, e testemunhou-a renovando seu vigor ao ouvir o canto que vinha da outra sala.

— Bela-Voz!

— Vá, minha criança. Sua irmã está com Perséfone.

Assim foi correndo, sendo acompanhada pelos olhares atentos dos que ficaram.

— Quanto a você, seu trapaceiro, adianto que não aceitarei seu campeão...

— E qual é o problema dele, Plutão? Acaso não cumpri o combinado trazendo duas Musas aos seus domínios? Por que quer abandonar nosso acordo agora?

— E qual era a parte mais importante do acordo, Engano? Não foi você mesmo quem propôs essa aposta ridícula?

— Ora, mas o acordo não foi descumprido de minha parte...

— Então como você explica isto? — Disse o rei do submundo, levantando em suas mãos a Foice de Cronos.

— Isso foi um acidente, mas nada interfere na aposta. — Engano voltou-se para o meu amigo, levantando-o do chão. — Veja como sua alma agora é velha! Veja como meu campeão só consegue se rastejar!

— Você não teria deixado isso acontecer se não estivesse tramando algum ardil, sei disso.

— Então, o que propõe?

— Como ele chegou aqui?

— Ele tirou a própria vida.

— Não! — Gritou Jonas nos últimos fôlegos.

— Parece que seu campeão discorda. Imagino o tipo de jogo sujo está fazendo com ele. Pobre alma. De qualquer modo, não é o único que faz ardis...

— O que está dizendo?

— Como você tomou liberdade de escolher seu campeão, eu mesmo escolhi seus carrascos. Invoquei as Fúrias e com elas fiz um pacto para prender essa alma para sempre. E, agora que sei se tratar de suicida, será mais fácil a elas cumprir sua parte.

— Ora, mas isso não estava combinado!

— Trazer uma pobre alma de cima também não. E sobre a Foice, não aceitarei que o jogo se inicie antes que o mortal devolva ao seu dono por direito.

— E quem seria seu dono por direito?

— A mim, não importa, desde que ele não tenha a posse.

— Que seja. Mas seria injusto enviá-lo neste estado. E como já sei, logo que sair deste palácio, meu campeão será atacado pelas Fúrias.

— O que sugere?

— Empreste sua capa a ele. Assim que ele entregar os dois artefatos, iniciaremos o jogo.

— Concordo com esses termos, mas acrescento outro, meu caro trapaceiro.

— Diga de uma vez, meu rei.

— Ele terá quarenta dias para completar essa tarefa, a contar quando pôr os pés fora deste palácio.

— Um prazo muito apertado. Aceitarei esses termos apenas se conceder uma montaria.

— Que seja.

— Permita-me, por fim, dar instruções ao meu campeão.

— Que seja.

— Permita que eu escolha a montaria também.

— Não. A montaria será de minha escolha e confiança.

— Mas assim você me enganará.

Plutão riu alto.

— Darei um desejo a ele, um destino somente. Qualquer destino que ele quiser ir dentro dos meus domínios será recebido como obrigação por meus cavalos.

— Acho que chegamos a um acordo.

— Já havíamos chegado e nele permaneceríamos se não fosse tão ardiloso quanto o novo rei dos deuses.

O Engano já ia saindo quando Plutão fez sua última intervenção.

— Espero que a espada não seja um novo truque.

– Qual espada?

Plutão não respondeu. Entregou a capa e se retirou para a mesma direção em que Alegria tinha ido. Com sua saída, Jonas pode erguer-se novamente, confrontando o Engano nos olhos:

– O que fez comigo?

– Acalme-se Jonas, meu amigo.

– Não sou seu amigo. Por que estou aqui? Me tire daqui imediatamente, quero voltar a Serra do Açor, a minha vida...

– Isto não é mais possível, Jonas. Você veio aqui para salvar sua Alegria, não se lembra?

– Lembro-me muito bem...

– Então ouça com atenção! Hades tomou para si as Musas. Não posso contra o seu poder, por isso, fiz com ele uma aposta.

– Que tipo de aposta?

– Apostei com ele que um mortal poderia escapar do Tártaro sem ajuda divina.

O rosto velho e cansado do meu amigo Jonas olhava os olhos zombeteiros do Engano. Sua cabeça caiu sobre suas mãos, e novamente ele estava no chão. Desta vez, porém, não era a pressão física que o afligia, mas outra coisa. O que foi que eu fiz? Era a única frase que latejava, provocando uma dor que levou ao vômito.

As batidas do coração fraco estavam fortes e descompassadas, até demais. Meu amigo Jonas me contou que deve ter desmaiado algumas vezes. O Engano o reanimou dizendo que ele poderia sair dali, que não deveria se preocupar com nada, que tudo estava alinhado.

Tentou por fim lembrar-se da beleza, da voz e do rosto de sua Alegria. E apesar de agora conseguir, suas memórias não lhe transmitiam nada.

Ainda no chão, todo apertado, ouviu uma voz velha chamando seu nome, uma voz diferente das demais. Ao erguer a cabeça, meu amigo notou finalmente uma luz escapando da fresta de outra porta.

O Engano mais uma vez pôs o homem de pé, e encorajando-o, passou-lhe as instruções. Segundo ele, Jonas poderia vencer esse desafio, se seguisse as instruções daquele deus na estrita ordem que era dada: Jonas deveria vestir a capa de Hades, entrar em seu carro e ordenar aos seus cavalos a levarem-no à sua mãe, a Noite. Lá ele entregaria a Foice e a capa, pedindo que ela o guiasse até os portões do profundo Tártaro, onde os deuses esquecidos estavam. Lá, eles o ajudariam a escapar do submundo, retornando ao seu corpo.

Aquele plano não fez sentido a Jonas. Como confiar neste que nem com o nome verdadeiro se apresentou pela primeira vez? Agora ele me conduz por aí, neste lugar pequeno, mas que eu não sei por onde sair. Alegria! Quem são as mulheres com ela? Uma deve ser sua irmã. Tão bela quanto ela. Qual é seu nome? Bela-Voz. E quem é esta outra? Deve ser a tal Perséfone. Também muito linda, mas não como as outras duas. Meu amigo mesmo contemplando essas três, não sentiu o mesmo calor de antes.

Ainda fraco, resistiu a condução do Engano, para se deter sua Alegria.

— Meu querido Jonas, minhas irmãs não estão aqui! Sabe onde elas estão?

Tomando iniciativa, o Engano respondeu:

— Elas estão no Tártaro, criança.

Jonas encarou o olhar zombeteiro do Engano, que tinha no tom da voz algum aspecto de gravidade. Algo não coincide neste sujeito.

— Que coisa terrível!? Como elas se libertarão?

— Fique tranquila, criança, Jonas libertará suas irmãs e trará todas consigo.

Meu amigo disse que o rosto de Alegria se iluminou. Não foi como da primeira vez. Ela não é tão bonita, assim de tão perto. O que tinha visto nela? Não, ela é linda sim. Lembrei-me. Lembrei-me de você. Pensava meu amigo, agarrando suas emoções.

Logo, eles viram Hades entrando pelo outro lado, fazendo com que o Engano apressasse em conduzi-lo para fora do palácio.

– Lembre-se de nunca tirar essa capa, meu amigo.

– Você não me disse como salvarei as Musas! Como poderei ajudar a Alegria?

– Já disse! Os deuses esquecidos lhe prestarão socorro. Vá até eles e tudo dará certo, meu amigo. Lembre-se das suas instruções...

Meu amigo foi empurrado e as portas foram seladas. Amigos não são empurrados assim. Maldito amigo que me trouxe para cá. O que foi que eu fiz? Diante da terra podre, seu coração se angustiou.

O silêncio mortal daquele lugar era terrível, mas mais terrível foi o grito das Fúrias que se seguiu, ele me disse. Apressou-se em esconder na capa de Hades e logo viu aquelas monstruosidades rodeando-o, como ratos Tateando e farejando carne podre.

Jonas viu também que os cavalos. Conforme as orientações, ele subiu no carro. Bastou terminar o desejo e os cavalos chegaram no lugar solicitado, às portas do palácio da Noite, mais tenebroso do que o anterior. As Fúrias acompanharam até ali, na mesma velocidade que o carro. Procuravam-no, balançando seus açoites. Às portas, esgueirando-se, bateu e elas se abriram.

Uma bela mulher de meia-idade surgiu, coberta com uma capa tão negra quanto as paredes de sua morada, parecendo uma cabeça flutuante como Hades, se não fosse pelos braços que às vezes apareciam ao andar.

– O que faz aqui, mortal?

– Ajude-me, por favor! Fui enviado pelo Engano para entregar essa Foice!

– Ó, mãe primogênita, se a senhora vê o mortal, aponte-nos para levá-lo ao juízo!

– Como um mortal chegou até as minhas portas?

– Foi o Engano que o empurrou para fora do palácio de Plutão, e por causa de sua capa, não conseguimos pegá-lo.

— Então é verdade o que você me diz, mortal. Entre e me conte sua história.

— Mãe soberana, não proteja esse mortal. Temos direito legítimo sobre essa alma, conforme a Lei Antiga. Plutão nos entregou, e mesmo que não tivesse, sua alma é pesada e fede, como todas que nos pertencem.

— Não tirei minha vida! Ela foi arrancada de mim pelo Engano!

— Esta alma agora está sob a minha proteção.

— Não permitiremos que essa alma seja tirada de nós!

— Não preciso barganhar nada com vocês. Esta é a minha vontade!

As Fúrias deixaram às portas da Noite, voltando ao Érebo com lamentos terríveis.

Ao entrar com aquela mulher altíssima, Jonas entregou a ela a Foice com mãos trêmulas. Hesitou, porém, em tirar sua capa e entregá-la.

— Tenho a minha própria capa. E daqui, vejo você perfeitamente. Então, conte sua história.

Jonas disse tudo o que viu e ouviu até aquele momento, e disse que os deuses esquecidos ajudariam a escapar do submundo. Com sorriso e o mesmo olhar zombeteiro, a Noite disse:

— Meu filho mais divertido, sem dúvidas. Gosta de brincar com todos, armando suas tramas complexas, mentindo sempre...

— Como mentindo?

— Certamente não haverá nenhuma ajuda para você no Tártaro, Jonas.

— Como não? Ele me disse que lá os deuses esquecidos me ajudarão! Os deuses esquecidos não existem?

— Existem claro. Os antigos gloriosos deuses do Olimpo estão quase todos lá!

— Que terrível! E as musas também estão lá?

— Acredito que sim.

— Então eles não têm poderes para sair? Não poderiam se libertar ou me libertar de lá?

— Zeus e Posídon foram os construtores dos limites do Tártaro. Eles estão lá por espontânea vontade. Ao que me parece, eles se cansaram dos homens. Ou os homens se cansaram deles. Não me interessa muito essa história, na verdade. Sei que meu Engano ajudou Prometeu a escapar de suas correntes e subir ao monte Olimpo, destronando Zeus, o sábio. É ele quem reina sobre o mundo dos homens agora.

— Então seu filho falou a verdade! Os deuses esquecidos poderiam me ajudar a retornar!

— Se quer acreditar nisso...

— Preciso da sua ajuda para descer ao Tártaro e cumprir as instruções do seu Engano.

— Eu ajudarei você.

— Serei muito grato. Como descerei ao Tártaro?

— Atrás do meu palácio, você verá os portões vigiados pelos três irmãos. Eles não têm mais essa função, mas por costume, ainda barram a entrada ou saída. Com a capa, você conseguirá passar despercebido até o abismo. Diante do abismo, salte de cabeça. Sua alma parece pesada o suficiente para chegar lá em quinze dias.

— Cairei durante quinze dias?

— Sim. Até o quarto dia você ainda sentirá a pressão da queda. Provavelmente no quinto, sua alma se conformará com isso, e não sentirá mais nada. Ao contrário, desejará desesperadamente sentir alguma coisa. Daí por diante, as coisas serão igualmente escuras até bater no fundo.

— Não morrerei com isso?

A Noite riu.

— Você já está morto, querido Jonas.

Jonas quase animado saiu daquele palácio. Ouviu o grito das Fúrias, e mesmo sabendo que não podiam encontrá-lo, correu e tropeçou pelo caminho até chegar aos pés dos grandes monstros

de inúmeras cabeças e braços, os quais por serem tão grandes, não conseguia distinguir sua forma no escuro.

Meu amigo, como a Noite disse, conseguiu passar por eles e adentrar os muros do Tártaro, ficando frente-a-frente com o abismo. Ali, ele me disse que se lembrou vagamente de Fraga da Pena, quando foi empurrado para o Hades por Engano. Ele me confessou que chorou muito, até seus olhos secarem.

Seus soluços foram ouvidos pelas irmãs e elas logo seguiram o barulho. Teriam alcançado se não fossem barradas, a princípio, pelos monstros de inúmeros braços.

Então Jonas começou a cair. Como a Noite disse, ele sentiu a pressão da queda até o quarto dia. Viciou-se nisso. Mas no quinto, tudo pareceu tão parado quanto se estivesse em terra firme. Foi aí que sentiu o vazio. Ele não conseguiu explicar bem para mim essa sensação. Não é quando você perde tudo, mas quando passa na cabeça a ideia de que não é possível recuperar o prejuízo. Foi o que ele me disse.

Talvez por volta do décimo dia, ele ouviu àquela voz doce e velha chamando por seu nome. Era tão suave que provavelmente não teria ouvido se não estivesse no profundo silêncio. Foi uma consolação. Às vezes ele respondia. Às vezes gritava para si mesmo. E assim foi durante um tempo quase infinito até bater no fundo. Como desejava bater no fundo. Mas desejei nunca ter batido no fundo. Disse depois que foi certamente uma dor pior que todas as outras.

Talvez ele tenha passado outros cinco dias até ter forças para se levantar. Dor aguda que nunca o abandonou completamente depois desse dia.

Aquele lugar era terrivelmente quente. Em algum momento, conseguiu se mover rastejando-se, talvez em círculos, clamando por ajuda, pelos nomes dos deuses que lembrava, por alguém que respondesse. Deve ter passado alguns dias sem resposta até que ouviu uma voz masculina.

— Quem deseja contemplar minha glória nos meus domínios?

— Eu, meu senhor.

— Que voz sábia eu ouço? Aproxime-se de mim ancião!

— O senhor governa estes domínios?

— Fui o mortal tão importante que os deuses mais sublimes me jogaram aqui, para governar os poderosos. Sou o Urano das profundezas!

— Ó, Urano das profundezas, fui enviado aqui pelo Engano para pedir sua ajuda!

— O que posso fazer por você, nobre ancião? Provavelmente traz mensagens importantes para mim!

Jonas aproveitou essa oportunidade para contar sua história novamente. Contou também sobre a aposta dos deuses e as instruções do Engano.

— Pobre mortal. Certamente não compreendeu os desígnios sublimes dos filhos da Noite, e não entendeu o significado oculto de tudo o que ocorreu com você. Vejo como está confuso, mesmo sendo tão velho. Como sou um rei generoso, diferente dos que me antecederam, contarei sobre os mistérios que cercam sua aventura e o propósito por trás da sua vinda aos meus domínios.

Aquele homem de fato tinha palavras bonitas. Eu mesmo estou reproduzindo como imaginei, pelo que meu amigo Jonas descreveu como um discurso longo e solene.

— Conte-me, meu rei, qual é o meu propósito? — Interrompeu-o, finalmente.

— Você receberá todas as famas e honras por ser meu braço direito. Seu propósito era trazer as Musas para que eu me casasse com todas elas. De fato, cheguei a ouvir suas lindas vozes há um tempo, mas não procurei por elas. Aguardava a sua chegada, pois sabia desde antes da sua chegada que você as traria como presente ao grande Urano das profundezas.

Jonas logo percebeu que era mentira, pois ouvia as mãos do homem tateando o chão do Tártaro, lembrando também que ele chamava pelas musas.

Um louco. Quase como eu. Pensava assim, e o fio de esperança se desfez.

– Não há outro deus aqui embaixo?

– Todos meus súditos dormem, fadigados pelas Eras. Mantenho-os protegidos pelo meu poder terrível. Deixarei que você descanse após cumprir seu propósito, Jonas de braços velhos.

Jonas praguejou contra o rei do Tártaro. Arrastou-se para fora do seu alcance, estando seguro tanto pelo escuro quanto pela capa de Hades. Sem lágrimas para chorar, ele permaneceu deitado gemendo. Com o passar dos dias, depois de toda a sorte de pensamento, começou a imaginar o porquê de tudo isso.

Não era uma pessoa má. Não merecia aquele sofrimento. Talvez algum sofrimento. Talvez um inferno normal, mas não isso. Não. Talvez Urano estivesse certo. Não completamente, pois era um lunático. Mas talvez eu teria um grande propósito, estaria destinado a algo grande.

O Engano era, de fato, outro louco. Mas fui eu quem livre a Memória. Eu sou um dos grandes heróis, como nas histórias. Eu sairei daqui. Certamente sairei daqui. Essa certeza inabalável fez Jonas pensar, agora, que se haviam guardas impedindo que os prisioneiros saíssem, haveria alguma forma de sair. Provavelmente alguma escada ou caminho.

Com grande força, ele pôs-se em pé. Parecia ser alguém diferente, mais rejuvenescido. Logo encontrou o rei do Tártaro, que o procurava também para tirar satisfação. Ele disse que ambos lutaram, e que ele saiu vencedor. Urano das profundezas passou a fugir dele, e meu amigo Jonas se tornou o rei do Tártaro. Pois, se eu derrotei o rei, logo eu sou o novo rei. Uma lógica formidável.

Mas onde estão os meus súditos? Onde está a minha coroa? Onde está o meu palácio?

Ficou mais alguns dias percorrendo aquela infinitude das profundezas, no escuro. As vezes esbarrava com pés, mãos, pernas e braços, todos dormindo.

Não há saída. Certamente não há. Eu teria encontrado. Esses pensamentos faziam sua mente se aproximar àquelas

mesmas dores de antes. Logo, surgiu-lhe outra ideia para salvá-lo: certamente, o rei do Tártaro deveria ficar ali, governando para sempre seus domínios. Deveria ele mesmo erguer os seus palácios. Começou a cutucar o chão duro com as mãos. Logo percebeu que não conseguiria arrancar nem poeira, mesmo que todo seu corpo estivesse calejado. Desistiu, e teve que se agarrar outra ideia.

O que o louco tinha dito mesmo? Sim, um rei precisa de rainhas. E quem precisaria de Alegria, se eu posso ter todas as outras musas? Certamente era isso. Provavelmente era isso. Por isso desejou a Alegria desde sempre. Era seu propósito. Era seu destino.

Meu amigo Jonas percorreu novamente o Tártaro a procura daquelas mulheres. Agora, como Narciso, ele tateava o chão, chamando por elas. A única voz que ouvia, porém, é de uma velha. Era curioso, mas agora ele não queria respondê-la. Ignorava a voz, indo sempre ao lado oposto.

Mais alguns dias se passaram, e algumas revanches com Urano das profundezas ocorreram. Ora ele perdia, ora ele vencia. Disse ele para mim que mais venceu que perdeu. Eu desconfio que ao todo, ficaram empatados.

Um dia, ele finalmente tocou em alguém que reagiu. Segundo ele, a pele mais macia que já tocou, muito parecida com a pele da Alegria. Tinha encontrado as irmãs. Elas fugiam dos seus perseguidores, mas daquela vez, por sorte, o rei do Tártaro conseguiu encurralá-las.

– Quem é?

– Me chamo Amorosa. Por favor, nos deixe em paz! Ouvimos a sua história, suplicamos que pelo amor que você tem a Alegria, meu querido Jonas, que não nos faça nenhum mal. – Respondeu a linda voz chorosa.

Meu amigo diz que não teve nenhum prazer em me contar essa parte, mas ele confessou que agarrou os braços da Amorosa, caçando e encontrando, com a outra mão, as outras. Suas mãos já estavam tão calejadas que o aperto de sua mão cortou a pele do

braço da musa, de modo que o sangue dela escorreu pelos seus dedos.

Jonas, meu amigo, disse a mim que, mesmo parecido com o mesmo desejo de antes, aquilo era diferente. Era baixo, como se não tivesse mais em si capacidade de sentir algo superior. As musas choraram quando sua mão lhes apertou, Jonas brigou com elas, chamando a atenção de seu rival. Eles brigaram de novo. Jonas venceu, mas as musas escaparam.

Ele batia no chão de raiva. Teria que procurar novamente por elas por causa daquele cão. Maldito Urano das profundezas. Por um motivo qualquer, conseguiu chorar de novo, coisa que não conseguia desde antes de chegar ali.

Uma luz fraca veio debaixo, iluminando uma criatura alada que se aproximava. Ele me disse que era Hermes demoníaco, trazendo a mensagem de Plutão que aquele era o fim da aposta: terminaram os quarenta dias e meu amigo fracassou.

Aquela sensação que tinha mencionado antes, meu amigo, quando você tem ideia de que nunca vai recuperar o que perdeu só é não é pior do que a certeza disso. Foi o que ele me disse. E foi o que ele sentiu.

Quanto a Plutão, Jonas me disse depois que durante o banquete para comemorar a vitória sobre o Engano, Hades tentou se aproximar das duas musas que estavam no seu palácio. Perséfone, entretanto, transformou-as em Álamos no jardim, e por isso, ele recorreu ao perdedor para que ele convencesse Perséfone a libertar as musas (e talvez todas as outras amantes).

O Engano aceitou ajudar, trazendo uma cadeira para que Hades aguardasse. Mas tal foi seu descuido ao sentar-se em um dos tronos do Esquecimento, aquele com textura estranha, ficando assim aprisionado. O Engano convenceu Perséfone que aquela seria uma boa forma de punir o marido, e enquanto isso, ele mesmo reinaria o submundo.

E este foi o fim de Jonas?

De maneira nenhuma. Não estou contando uma tragédia a vocês.

III

Uma nova comédia antiga



Jhônatas Siqueira
**REI DO
TÁRTARO**

“E qual tipo de história você está nos contando?”

Uma comédia, certamente.

“Uma comédia? Só me contou coisas tristes.”

Pois saibam que isso muda agora, não só para vocês, ou para mim, mas também para Jonas. Pois foi este meu grande amigo que, nas mais profundas trevas, viu após a saída de Hermes demoníaco uma luz do alto. Aquela luz que foi acompanhada pela mesma voz velha que chamava pelo seu nome.

— O que você quer do rei do Tártaro? Aproxime-se anciã.

— Você é o rei do Tártaro, Jonas?

— Sim, sou. De onde me conhece?

— Conheço tudo. Chamo por você há muito tempo. Mas você disse que é um rei. Onde está seu trono e coroa?

— Eu não preciso.

— E nem de palácio?

— Também não preciso.

— E quem te deu esses poderes?

— Ninguém me deu, eu tomei por mim mesmo.

— Ora, tomou de quem?

— De Urano das profundezas, o rei anterior.

— Este é Narciso. E ele recebeu o poder de quem?

— Não importa.

— Ora, um rei sem trono, sem coroa e sem linhagem. Acho que você não é rei de coisa alguma.

— E você quem é?

— Sou Amiga de Platão. Mas você não está interessado em saber quem eu sou. Quer saber como sair do Tártaro.

Jonas ergueu seu corpo, que antes estava deitado.

— Pare de brincar comigo. Outra artimanha do Engano? Por que ele fez uma aposta que saberia que iria perder?

— Tudo o que ele diz são mentiras. São sempre truques para disfarçar o que ele quer.

— E o que ele quer?

— O que todos querem, satisfazer a si mesmo.

— E você quem é?

- Já disse.
- Como poderia sair daqui? Sabe por acaso...
- Sim, eu sei.
- Então diga-me.

— Basta levantar-se, seguir por aquela direção até uma grande muralha de pedra, tateando para encontrar a fresta por onde você vai se esgueirar pelo caminho que leva de volta aos portões.

Jonas se levantou. Olhou para a direção apontada e por um momento conseguiu ver a tal fresta. Será que é só isso? Qual é o truque? Foi andando.

— Não está se esquecendo de nada? — Perguntou a Amiga de Platão.

- Sabia que havia truque. Vocês são todos iguais!
- Jonas, você não ia salvar as musas desse lugar horrível?

Meu amigo ficou confuso. Viu aquelas moças exprimidas num canto, desviando de suas mãos e das mãos do outro. Agora poderia se aproximar delas, mas não tinha o mesmo desejo que antes. Estava vazio.

— Por que faria isso?

— Diga-me você. Por que você saiu do seu carro na Serra do Açor?

— Ora essa, pare de brincar comigo. Diga quem você é. Acaso está presa também, velha? Deve ser uma bruxa, e precisa de mim para alguma coisa. Mostre se logo!

— Mesmo ouvindo minha voz, você se recusa a me escutar. Está a todo custo protegendo sua mente das dores, mas não percebe que só está piorando sua situação?

— Quais dores?

— A dor dos homens que abandonaram toda a esperança.

— Basta! Pare de me amolar. Diga-me, como chegarei até a fresta para sair daqui?

— Andando até lá, levando as musas consigo.

— Não levarei ninguém. Não confiarei em ninguém.

— Confiou no Engano até à pouco...

— Não tive culpa.

— Não teve?

Jonas foi derrubado no chão pela luz, que ficou intensa de repente. Talvez não fosse tão forte, mas para ele que estava no absoluto escuro, aquilo se tornou doloroso.

— Deseja voltar ao escuro, Jonas? Parece que agora ama essas trevas.

— Deixe-me em paz...

— Quer mesmo que eu o deixe?

— Não.

— Por quê?

— Quero minha vida de volta.

— Ó, querido Jonas, você morreu. Não pode fugir das consequências.

— Mas foi o Engano que me empurrou!

— E foi você quem o seguiu.

— Não, ele me conduziu...

— Ele te conduziu ou você se deixou conduzir?

— Qual é a diferença?

— Você sabe. O Engano disse mentiras, e você acreditou em todas elas porque quis acreditar. Lembra do que você queria ao seguir o Engano?

— Queria achar a Alegria.

— Só achar? Ela não estava com você antes?

Jonas ficou em silêncio. A voz inquiriu novamente.

— Responda, Jonas.

— Eu queria conquistá-la... Possuí-la.

— Por quê?

— Estava apaixonado.

— Não está mais?

— Acho que não.

— Imagine por um momento que conseguisse ter a Alegria. Valeria a pena?

Jonas não respondeu.

— Responda-me, querido Jonas.

— Não. Mas, pelo menos estava disposto a ajudá-la e ver ela feliz.

— É verdade. E não está mais?

— Estou!

— Então por que não quer mais salvar as musas?

Jonas disse que tudo coçava nele. Estava desconfortável com aquela luz intensa. Nem mesmo a capa de Hades conseguia escondê-lo.

— Responda-me, querido Jonas.

— Não quero mais nada. Não sei mais o que eu quero.

— É verdade. Estava perdido. Mas eu te encontrei. E vou tirar você daqui.

— Posso retomar minha vida?

— Não.

— Então qual fim há em sair daqui?

— Faz essa pergunta seriamente? Não deseja a Justiça para o Engano por ter prejudicado a tantos? Deseja mesmo se rastejar, apegando-se ao ego apenas para aliviar o desespero? Está falando isso sinceramente?

Jonas nada disse.

— Responda, querido Jonas.

— Quero sair daqui.

Ele disse que novamente conseguiu chorar. Parecia que algo estava o preenchendo, pois novamente tinha água dentro dele para escorrer pelos olhos. Dessa vez, porém, ele sentiu algo diferente. Ele sentia alívio.

— Por que está chorando, Jonas?

— Eu não sei. Acho que conseguirei sair daqui... O que foi que eu fiz?

— Você seguiu o Engano, acreditando que ele te daria a Alegria. E todas as vezes que gritei seu nome para impedir seu erro, você fugiu.

— É verdade, eu fiz isso.

— Você também se agarrou ainda mais ao Engano, mesmo depois de perceber o erro quando estava no palácio. Agarrado em

suas mentiras, você fugiu das Fúrias até o palácio da Noite, e depois veio para cá.

— É verdade, eu fiz isso.

— Por fim, você se afundou na loucura, acreditando nas palavras de Narciso. Assim, você feriu a Amorosa, querendo que ela satisfizesse seus desejos baixos.

— É verdade, eu fiz isso também.

Jonas chorava lágrimas grandes, que caíam e amoleciam o chão de pedra. Estava prostrado, não mais por forças externas, mas internas.

— Você merece o pior dos castigos por isso. Entretanto, eu te guiarei para fora desse abismo, e lá em cima você será o meu instrumento de Justiça contra o Engano.

Jonas assentiu com a cabeça.

— E o que devo fazer?

— Você irá até as musas, e as conduzirá pela fresta. Passará pelos monstros que guardam os portões e contará sua história. Eles deixarão você passar. Quando chegar ao palácio da Noite, peça a ela que dê passagem até o palácio de Hades. Ela chamará seu filho, Caronte, que levará vocês de barco até o Érebo. Você deve seguir diretamente até o palácio de Hades. Lá, você tomará um pouco da água que fica à direita, no lago à sombra dos álamos, e com ela, vai libertar o velho que está preso ao trono. Fará o mesmo com o rei do submundo. Quanto a Perséfone, diga a ela que liberte as musas, pois elas precisam retornar a mãe, Memória, que já está recuperada nos Campos Elísios.

— E quanto ao Engano? Ele tentará tramar algo contra mim quando eu chegar no palácio. Mesmo não me vendo, não sei qual é a extensão de seus poderes.

— Ele vai te ver, pois você deixará sua capa aqui.

— Não posso, as Fúrias me atacam!

— Elas não te verão até que você chegue ao Érebo. E quando chegar, elas não o atacam. Sua alma está leve, e não fede mais. Mas, quando elas te virem, vão tentar provocar em você o

mesmo peso de antes. Não se deixe abater, basta ouvir as minhas palavras e as canções das musas que irão contigo.

— Certo. E quanto ao Engano?

— Você cortará suas pernas e o arrancará do trono.

— Como farei isso? Devo pedir emprestado a Foice ou outra arma da Noite?

— Não. Você usará minha espada. Deixe-a para você em uma das salas daquele palácio agourento.

— E o que devo fazer depois disso? Posso matá-lo?

A voz riu.

— Você não tem esse poder, querido Jonas. Isso bastará como castigo a um imortal. Depois disso, você deverá deixar minha espada onde a encontrou, e deverá seguir para o seu julgamento.

— Julgamento?

— Sim, o mesmo para todas as almas.

— E onde ficarei depois do julgamento?

— Depende da sentença do juiz.

— E quem será o juiz?

— Isso não compete você. Não se desespere. Siga todas essas orientações e você poderá ser absolvido.

— E se eu falhar?

— Não falhe.

— Vai me acompanhar?

— Só até o Érebo, depois disso, você estará sozinho.

As coisas seguiram exatamente conforme a Amiga de Platão disse. As Musas, que tinham ouvido toda a conversa e que até hoje testemunham sobre essa história, estavam seguras em seguir Jonas. Quanto a Narciso, Jonas quis ajudá-lo também, mas ele estava tão agressivo que era muito arriscado se aproximar.

Jonas perguntou a Amiga de Platão se ela poderia falar com ele, mas ela disse que não, pois o homem já estava há muitas eras completamente surdo.

Seguindo o caminho indicado, Jonas contou aos guardas a sua história inteira, desde o início até aquele momento. Coto,

Briareu e Giges se divertiram e se emocionaram, agradecendo ao meu amigo e as musas por aquela canção. Passaram assim dos portões do Tártaro.

A Noite recebeu-os com muita hospitalidade.

— Como conseguiu sair de lá, Jonas? E onde está a capa?

— A Amiga de Platão me ajudou.

A Noite examinou aquela alma dos pés à cabeça. Não parecia a mesma pessoa, apesar de inegavelmente ser.

— Essa pessoa quem te ajudou é mais antiga que eu, muito superior a mim. O que ela disse a você?

Jonas contou tudo para a Noite, e as musas testemunharam novamente. Até Éris hedionda chorou de outra sala escutando a história.

— Caí na trapaça do Engano. Ele me disse que Prometeu gostaria de usar seus filhos contra os homens. Daria a eles lugares no Monte Olimpo. Bastava que eu fizesse aquilo que fez contra Memória.

— Alegria disse que a Sorte a conduziu até Portugal.

— Foi mesmo. — Respondeu a própria Sorte. — O Engano me pediu.

— E por que você obedeceu?

— Ele disse que Prometeu havia pedido isso. E disse que a Alegria deveria ir ao encontro de um mortal em Portugal. Com meus dons, previ que dessa forma, tudo daria certo. E parece que acertei.

— Espero que me favoreça.

— Já foi muito favorecido.

Jonas não se deteve mais naquela casa de enganados. Seguiu viagem, mas antes de sair, pediu a Noite que chamasse Caronte para levá-los até o Érebo.

— Jonas, ainda tem uma coisa que tenho para te dizer...

Assim pediu a Jonas para falar-lhe em particular, dando o seguinte conselho.

— Se Perséfone mantém alguma das musas transformada, saiba que ao cortá-la você poderá beber a Ambrosia que escorrerá do seu caule. Isso lhe dará vida novamente.

— O que quer dizer com isso?

— Você pode voltar ao mundo, Jonas.

— Mas a Amiga de Platão disse que não poderia.

— Achei que deveria dizer... — Respondeu a Noite com aquele mesmo olhar zombeteiro.

— Não acredito em você.

A Noite veio sobre Jonas, impondo-se por sua altura e presença, mas de Jonas não tinha nada de temor. Jonas disse-me que o rosto do abismo era mais ameaçador, e até este não seria suficiente para assustá-lo agora. Por isso, ele virou as costas e saiu.

Caminhou até as margens, onde entrou no barco de Caronte com as Musas e seguiu viagem. Mas e se a Noite estiver certa? E se, de fato, o sacrifício da minha Alegria me levasse a vida novamente? Seria bom uma vida sem Alegria? Ele me confessou que esses pensamentos ainda perturbavam um pouco sua mente.

As Musas, entretanto, sentindo agora a presença da Memória, voltaram a cantar, deixando até o mal-humorado Caronte mais feliz. Jonas percebeu que alma dele realmente estava mais leve. Acho que ainda me resta alguma esperança.

Chegaram ao Érebo. Caronte deixou uma lágrima rolar ao se despedir das musas. Eles seguiram, e mal iniciaram a caminhada quando aquele som estridente perturbou os ouvidos de Jonas. Diferente da presença da Noite, as Fúrias ainda tinham muito poder sobre a alma do meu amigo, tanto que ele me disse ter pensado em fugir nadando pelo Estige.

Talvez até o abismo fosse menos doloroso. Ajude-me, amiga! A essa prece em pensamentos, ouviu sua amiga que, inspirando as Musas, provocou o canto suave que foi seu antídoto contra as Fúrias. Numa nova estratégia, essas deusas muito antigas contra-atacaram com seus próprios versos. Algo como:

— Jonas, o monstro, Jonas, o monstro. Tirou sua vida para ter a Alegria.

E ainda:

— Jonas, o que você fez contra a Amorosa?

Ou ainda:

— Mostre seus braços para nós, Amorosa. Aceita viajar com seu agressor?

Para surpresa de Jonas, Amorosa não o abandonou. O que ele descobriu depois é que o canto das Fúrias não alcançava o ouvido das Musas. As Fúrias se cansaram em algum momento, apenas acompanhando o herói de muito perto.

Antes de entrar, Jonas tomou uma bacia e, com ela, levou a água do pequeno lago à sombra dos álamos para dentro. Logo encontrou os dois tronos, e jogou a água, libertando os cativos. Descobriu que o velho se chamava Pirítoo, um escravo dos desejos como ele. A ele, Jonas transmitiu a mensagem da Amiga de Platão, permitindo a este velho seguir finalmente ao juízo.

Quanto ao rei do submundo, este agradeceu o herói, tecendo multidão de elogios. Jonas contou que Hades, entretanto, parecia receoso por acreditar que ele pediria recompensa pelos feitos. Mas a única pergunta que fez foi:

— Onde está o Engano?

— Certamente no meu trono.

— Leve-me até lá.

A sala do trono do Hades era a mesma sala em que a espada brilhante estava presa ao chão. Jonas deixou que as musas fossem até os aposentos de Perséfone interceder por suas irmãs, enquanto ele e Plutão foram confrontar o Engano.

— Jonas! Meu campeão retornou do Tártaro. Parece que eu ganhei a aposta de você, Plutão.

— Não sem ajuda divina. — Disse Jonas.

— São detalhes. Nem mesmo eu previa isso...

Jonas empunhou a espada brilhante e tirou a do chão com extrema facilidade. Sua alma retornou ao aspecto natural de juventude, exceto pelos seus braços. Foi andando em direção ao Engano.

— O que pretende com isso mortal? Você acredita que pode ferir um filho da Noite com qualquer magia deste reino?

Jonas decepou a primeira perna. Sem apoio, o Engano caiu rolando. Hades retomou seu trono. O Engano, rastejando inutilmente para fugir de Jonas, voltou-se para ele:

— Meu amigo querido Jonas, posso te restaurar a vida. Sim, é verdade, sei como poderia retomar sua Alegria, vivendo com ela para sempre!

— Está mentindo de novo.

— Não, não. Os deuses comem da Ambrosia para manter sua imortalidade, e eu sei quem ainda detém os últimos frutos. Ouça-me, Jonas. Dessa vez ajudarei você. Com uma arma como essas você poderia reinar sobre todos. Até o rei dos deuses se curvaria perante seu poder. Ouça-me novamente. Pergunte a Perséfone sobre a Ambrosia e veja se digo mentiras.

Jonas abaixou a espada.

— A Noite disse algo sobre a Ambrosia. Mas para tê-la, eu deveria sacrificar a Alegria.

— Minha mãe não sabe de tudo. Ela é velha demais, não conhece os mistérios da magia como eu. Conheço uma forma de conseguir a sua vida sem sacrificar a Alegria. Basta cortar o caule do menor Álamo do Jardim de Perséfone, e beber do fruto que escorrer. Ouça-me e viverá.

Jonas descansou a espada e refletiu. Não ouvia mais a voz das Musas, nem ouvia nada de sua amiga. Agora, ele ouvia novamente as Fúrias. Jonas, o que você fez contra a Amorosa? Jonas, o monstro, Jonas, o monstro. Essas palavras, e outras piores perturbaram seu espírito, fazendo o pesar novamente. As Fúrias conseguiram invadir o palácio. Por um momento, quase conseguiram atacá-lo.

O que foi que eu fiz? Deveria ouvir a palavra do Engano novamente? Será que ele teria o segredo da fonte das Ambrosias? Jonas fechou os olhos enquanto as vozes exteriores e interiores gritavam. Com grande peso levantou o braço e desceu sem aviso.

O Engano se dissipou com o corte da segunda perna. As Fúrias fugiram horrorizadas. Hades do seu trono testemunhou a vitória do meu grande amigo Jonas, o herói de braços velhos, ainda temendo que agora ele reivindicasse algum prêmio.

Tamanha foi sua surpresa quando o mortal retornou a espada para o mesmo lugar. A arma desapareceu para sempre.

Então Jonas, meu grande amigo, foi até Perséfone pedir por Alegria e Bela-Voz. A deusa bondosa concedeu o pedido do herói, e a Alegria estava novamente com ele.

— Aqui estão suas irmãs, como prometi.

Alegria e as outras musas se cumprimentaram, saindo dali sem cerimônia. Alegria não parecia conhecer Jonas, antes passou por ele sem trocar palavra alguma. Amorosa, no entanto, foi até ele, mostrando o braço curado e beijando suas mãos de velho.

— Venha conosco! — Chamou ela antes de deixá-lo.

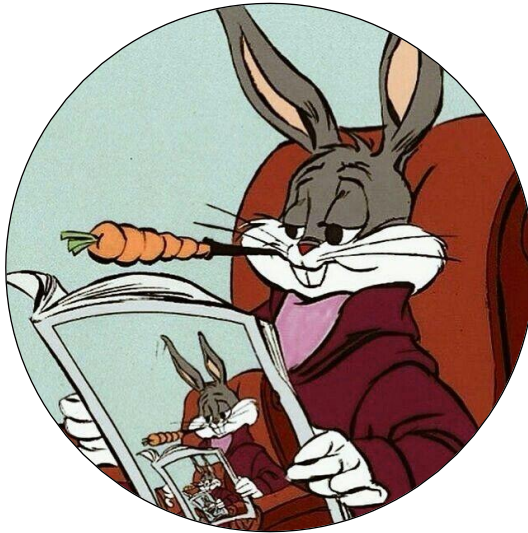
Perséfone e Plutão conduziram-no solenemente, permitindo que ele fosse com o carro real até seu julgamento. Absolvido. Esse foi o veredito. E não só isso, pois por intercessão da amiga de Platão, agora também sua amiga, foi recebido nos Campos Elísios pelos grandes heróis do passado. Lá as Musas cantaram os grandes feitos de Jonas. E, por ser Jonas meu grande amigo, fui incumbido por elas para contar a todos essa grande história.

“Mas você não disse que isso era uma comédia?”

Sim, e este foi o final.

“Não dei nenhuma risada.”

Vocês jovens nada sabem de comédias velhas.



Obrigado por ler!

Este é um documento digital gratuito. Outras obras originais podem ser gratuitamente baixadas através do meu site:

oclubedo.com.

Você encontra mais do meu conteúdo também nas redes sociais. Sempre através do @oclubedo, às vezes, através do @oclu.bedo.

Todos os direitos sobre essa história são reservados a

Mim Mesmo©



Jhônatas
Siqueira